

## Livro reúne haicais brasileiros de Monteiro Lobato a Millôr

### Português

Enviado por: [aquiasvalasco@seed.pr.gov.br](mailto:aquiasvalasco@seed.pr.gov.br)

Postado em: 03/11/2009

Poema de origem japonesa e secular, o haikai atravessa a literatura brasileira há 103 anos, estreado por Monteiro Lobato em 1906. Saiba mais...

Poema de origem japonesa e secular, o haikai atravessa a literatura brasileira há 103 anos, estreado por Monteiro Lobato em 1906. O principal da produção no Brasil destes três versos líricos, que tradicionalmente dizem respeito à natureza e traduzem uma opção de vida zen-budista, foi coletado por Rodolfo Witzig Guttilla, no livro *Boa Companhia: Haikai* (Cia. Das Letras, 2009). O modernista Oswald de Andrade, o poeta Carlos Drummond de Andrade, os concretistas Décio Pignatari e Haroldo de Campos, o humorista Millôr Fernandes, homens das letras, todos se dedica(ram) à produção de haikai e estão reunidos no livro. Na introdução, Guttilla explica em detalhes a origem do haikai no Japão, sua chegada e percurso no Brasil. O poeta Paulo Leminski (1944-89) tem importância central na consolidação e prática do haikai na literatura brasileira. Obra leminskiana publicada pela editora Brasiliense em 1983, que há mais de duas décadas vinha acolhendo o gênero, *Caprichos & relaxos* realiza a acomodação perfeita do haikai, com estilo próprio e propício para escritores e companhia ilimitada o praticarem. Mais do que isso, Leminski fez o haikai se abasileirar, apresentando-o à sua mulher, também poeta, Alice Ruiz. Sua morte, em 1989, não atingiu a produção de haikai no Brasil muito porque Alice adotaria o zen-budismo com a convicção necessária para passar a ministrar, um ano depois, oficinas em muitas cidades, ensinando e disseminando o gênero. Alice conta que se espanta com a popularidade atual do haikai. Ela comemora 19 anos de oficina e arrisca uma explicação: "Como é curto e privilegia a síntese, você aprende a dizer o que importa em poucas palavras, o que é uma tendência nossa. Hoje, vivemos um tempo sem tempo." Em 2009, Alice Ruiz ganhou o prêmio Jabuti pela segunda vez, no gênero poesia, com o livro *Dois em um* (Editora Iluminuras, 2008). João Guimarães Rosa, Mario Quintana e Manuel Bandeira também produziram haikai, mas não puderam ser reunidos em *Boa Companhia*, observa Guttilla na introdução do livro. Os haicais de Alice reunidos nessa coletânea foram feitos em ocasiões diferentes, segundo conta a escritora nesta entrevista. *Terra Magazine - Os seus haicais flagram momentos, passagens, em que o eu-lírico parece estar só. É isso mesmo? A escrita é fruto da solidão?* Alice Ruiz - Interessante porque, se você pegar o haikai como prática zen, uma das atitudes é de solidão. Mas, veja bem, é o estado solitário positivo. No sentido de centramento, de estar com você independentemente de estar na multidão ou não. Haikai é voltado para a natureza, uma integração com a natureza onde não há interferência das pessoas mesmo que elas estejam do seu lado. Isso dentro dos cânones nipônicos, claro, na tradição. Mas tem uma certa melancolia, não tem? Aí é outro estado (risos), estado chamado sabi. Literalmente é tristeza, mas nesse caso é como se tivesse nostalgia, não chega a ser tristeza. É uma integração despojada, quase que abrir mão de você. É difícil conseguir isso. E são treze. Imaginou?! (risos) Quando a senhora sente vontade de fazer um haikai e não um poema? Quando você está com esses treze estados imbuídos dentro de você, quando você está completamente integrada com a natureza, com o todo. A gente não é um ser à parte. Dentro do pensamento oriental, não existe um eu substancial. Quando você se sente integrado com o todo, voltado para a natureza, o haikai acontece. É bem diferente da poesia, da música, da pintura, das artes ocidentais, onde se coloca os sentimentos. O haikai é

quase um exercício. Mas a senhora continua fazendo poesia... Sim, poesia e letras de música. A relação com a natureza no Oriente é bem diferente da que se tem no Brasil, ainda mais em São Paulo (onde Alice mora). Nos seus haicais, a abordagem da natureza parece singela: a chuva, o sapo, o sol... Claro, mas mesmo a gente vivendo no meio urbano, temos árvores, pássaros. Na frente da minha casa, tem uma pitangueira, e enche de passarinhos. Ela vem até a gente, mas claro que no meio urbano fica mais difícil. Tudo o que te falei tem a ver com o haikai nipônico, dentro da tradição. No Brasil, alterou-se tanto que tem até tercetos - isto é, estrofes de três linhas - que alguns ainda chamam de haikai, mas... Tem o "poemínimo", o "poetrix", que o baiano Goulart Gomes batizou, o "haiquase" (risos) que muita gente usa. No Brasil houve muita mudança, desde o Modernismo (primeira metade do século 20) houve muita transformação, embora tenha praticantes, como eu, do poemínimo. Como é a produção de haikai no Brasil? Tenho achado ótima. Dou oficina de haikai desde outubro de 1990, estou comemorando 19 anos de oficina, e é impressionante a quantidade de pessoas que se interessam por haikai, muita gente que nunca fez poesia no Brasil. Viajo muito, por conta das oficinas, e as pessoas me trazem livros de haicais, que nem sempre são haicais. Se difundiu muito no Brasil. Como é curto e privilegia a síntese, você aprende a dizer o que importa em poucas palavras, é uma tendência nossa. Hoje, vivemos um tempo sem tempo. Mas não toma tempo sintetizar? (risos)... A síntese é bem-vinda. Toma tempo assimilar, incorporar (os estados). Por isso que falo em atitude. É engraçado falar de atitude para poesia, mas para fazer haikai é preciso assimilar dentro de você. Toma tempo fazer esse trabalho em você, pode levar a vida inteira... Mas haikai é um flash, é como... o ascender de um vagalume. Quando vem, vem pronto? Quando você está no estado certo, sim. Às vezes, precisa melhorar. Boa companhia: Haikai De Vários autores Org. Rodolfo W. Guttilla Ed. Cia. das Letras Entrevista concedida a Terra Magazine <http://terramagazine.terra.com.br>